




DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA POR MEIO DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS: EXPLORANDO O LIVRO INFANTIL *HISTÓRIA PRETINHA DAS COISAS – AS DESCOBERTAS DE ORI*

SCIENTIFIC DISSEMINATION THROUGH STORYTELLING: EXPLORING THE CHILDREN'S BOOK HISTÓRIA PRETINHA DAS COISAS – AS DESCOBERTAS DE ORI

Maysa Aina Oliveira Detz  <https://orcid.org/0009-0008-9544-8081>
Programa de pós-graduação em Educação em Ciências e Educação Matemática
Universidade Estadual do Oeste do Paraná
maysa.detz@unioeste.br

Claudia Almeida Fiorese  <https://orcid.org/0000-0002-1044-3863>
Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Educação Matemática
Universidade Federal da Fronteira Sul
claudia.fiorese@uffs.edu.br

Márcia Borin da Cunha  <https://orcid.org/0000-0002-3953-5198>
Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Educação Matemática
Universidade Estadual do Oeste do Paraná
borin.unioeste@gmail.com

DOI: [https:// 10.5281/zenodo.18339144](https://10.5281/zenodo.18339144)

Recebido em 21 de agosto de 2025

Aceito em 16 de setembro de 2025

Resumo: Este trabalho investiga o potencial da contação de histórias como estratégia de Divulgação Científica voltada ao público infantil, sob uma perspectiva decolonial, tomando como referência a obra *História Pretinha das Coisas: as descobertas de Ori*. Historicamente, a ciência, produzida e validada por epistemologias eurocentradas, excluiu saberes de povos originários e comunidades afro-latino-americanas. Nesse cenário, emergem a necessidade de práticas comunicativas plurais, afetivas e acessíveis, capazes de romper com modelos verticais de produção e difusão do conhecimento. O objetivo da pesquisa consiste em compreender como a contação de histórias pode ser mobilizada como estratégia de uma divulgação científica decolonial para crianças. Essa pesquisa, possui caráter qualitativo e se fundamenta na perspectiva bakhtiniana de linguagem, foi desenvolvida por meio de oficina no projeto de extensão “Comquímica das Crianças”, com reconto oral e representação gráfica da história por crianças. As interações foram gravadas, transcritas e analisadas discursivamente. Os resultados preliminares mostram familiaridade com termos científicos e a capacidade de conectá-los à narrativa, revelando compreensão, curiosidade e encantamento. Conclui-se que a contação de histórias, articulada a perspectivas decoloniais, contribui para democratizar a ciência e valorizar epistemologias historicamente marginalizadas.

Palavras-chave: Educação infantil. Divulgação Científica. Práticas narrativas.

Abstract: This study investigates the potential of storytelling as a strategy for Science Communication (SC) aimed at children, from a decolonial perspective, taking as reference the book *História Pretinha das Coisas: as descobertas de Ori*. Historically, science, produced and validated by Eurocentric epistemologies, has excluded the knowledge of Indigenous peoples and Afro-Latin American communities. In this context, there is a need for more plural, affective, and accessible communication practices capable of breaking away from vertical models of knowledge production and dissemination. The aim of this research is to understand how storytelling can be mobilized as a strategy for decolonial science communication aimed at children. This study has a qualitative character and is grounded in the perspective Bakhtinian language theory, was carried out through a workshop within the outreach project “Comquímica das Crianças,” in which children engaged in oral retelling and graphic representation of the story. The interactions were recorded, transcribed, and analyzed discursively. Preliminary results indicate familiarity with scientific terms and the ability to connect them to the narrative, revealing understanding, curiosity, and engagement. It is concluded that storytelling, when articulated with decolonial perspectives, contributes to democratizing science and valuing historically marginalized epistemologies.

Keywords: Childhood education. Popularization of science. Narrative practices.

Introdução

A ciência e o conhecimento científico passaram por importantes rupturas ao longo da história, marcadas por revoluções e quebras de paradigmas que transformaram não apenas os conceitos, mas também os sujeitos envolvidos na produção do saber. É nesse contexto que se insere a Divulgação Científica (DC), que embora distinta da produção científica em si, constitui uma instância complementar e essencial.

Atualmente, é imperativa uma reflexão crítica sobre como a Divulgação Científica é produzida e reproduzida. Em um contexto marcado pela valorização hegemônica de epistemologias eurocentradas, torna-se urgente resgatar e reconhecer os saberes historicamente marginalizados — como os produzidos por povos originários, comunidades latino-americanas e africanas. Para Lima e Giordan (2021, p.381) “a DC é produzida pela esfera da cultura científica em colaboração com outras esferas de atividades humanas” ou seja, a DC não é uma mera tradução, mas é um espaço de interseção entre diferentes campos de criação é reconhecer que ela carrega conflitos, disputas de sentido e potencialidades. É nesse encontro de vozes e práticas que surgem formas mais acessíveis, plurais e críticas de compartilhar a ciência com a sociedade. E uma maneira de ecoar as “vozes” da DC, é justamente por meio da contação de histórias. Para Bredan (2012, p. 15) a humanidade vem:

Contando sua própria história e a do mundo, o homem vem se utilizando da narrativa como um recurso vital e fundamental. Sem ela a sociabilidade e mesmo a consciência de quem somos não seria possível. O conto é uma memória da comunidade, onde encontramos lugares diferentes de olhar e ler o mundo ao praticarmos a arte da convivência.

Mais do que uma prática educativa e envolvente, contar e ouvir histórias é um gesto que permite resgatar e preservar a memória cultural e afetiva de um povo, atravessando gerações, tempos e territórios. Assim, a contação de histórias, quando utilizada como prática para a DC, tem o potencial de despertar uma relação afetiva com a ciência, especialmente entre o público infantil. Dessa forma, o presente trabalho tem como objetivo geral utilizar a contação de histórias como uma prática de divulgação científica que pode mobilizar temas decoloniais para o público infantil. Para atingir tal objetivo, desenvolvemos uma oficina no “Projeto Comquímica das Crianças, Pequenos Cientistas” com a contação da história infantil Pretinha das Coisas: as descobertas de Ori.

1Diálogos entre divulgação científica e contação de histórias

A DC é um processo amplo de circulação e trânsito de ideias que pode influenciar na produção e manutenção dos fatos científicos (Fioresi; Silva, 2022). Historicamente, a ciência sempre esteve ligada a processos de comunicação — de manuscritos e livros a mídias digitais, exigindo uma linguagem cada vez mais acessível à sociedade. Segundo Fioresi e Silva (2022), a DC envolve “um diversificado conjunto de textos [...] associado a um conjunto também muito amplo e diversificado de atividades sociais”, não se restringindo à simples comunicação de descobertas, mas também à forma como elas circulam e se organizam. A comunicação científica, conforme Bueno (2010), difere da DC por destinar-se a especialistas, enquanto esta última busca tornar o conhecimento acessível a diferentes públicos. Seus métodos são variados: livros, revistas, redes sociais, palestras, teatro, literatura de cordel, campanhas

educativas e outras formas criativas (Bueno, 2010). Elementos narrativos, como a contação de histórias, podem aproximar a ciência do cotidiano (Dahlstrom, 2014).

A DC também contribui para a alfabetização científica, entendida como “o processo pelo qual a linguagem das Ciências Naturais adquire significados” e amplia o universo cultural do indivíduo (Lorenzetti; Delizoicov, 2001). Ao mesmo tempo, combate a desinformação e fortalece o pensamento crítico (Carvalho, 2020). Historicamente, o conhecimento científico esteve restrito a círculos acadêmicos, mas a necessidade de democratização levou à ampliação dos espaços e formatos de circulação, incluindo museus, feiras e ambientes virtuais (Moreira; Massarani, 2002).

A DC, portanto, torna o saber científico mais próximo da realidade social, utilizando recursos como livros paradidáticos e metodologias interativas. Carvalho (2020) destaca que “divulgar a ciência é uma estratégia capaz de proporcionar uma participação maior por parte dos sujeitos”, permitindo uma atuação crítica e consciente no mundo. Compreender a DC como processo formativo e transformador é essencial, especialmente para inserir o público infantil nesse diálogo, reconhecendo-o como capaz de interagir, questionar e se apropriar da ciência desde cedo.

2.1 Aproximações entre divulgação científica e infância

A ciência está presente no cotidiano, mas muitas vezes parece distante, especialmente para as crianças. A DC busca quebrar essa barreira, apresentando o conhecimento de forma acessível e envolvente, por meio de histórias, quadrinhos, experiências e recursos tecnológicos interativos.

Com a popularização de vídeos, jogos e podcasts, a DC respeita diferentes formas de aprender, estimulando curiosidade e questionamento desde cedo. Para Bueno (2011, p. 186), “a divulgação científica bem-feita é um instrumento útil para a consolidação de uma cultura científica [...] e deve começar logo na infância”. Mora (2003, p. 7) reforça que ela cria “uma ponte entre o mundo da ciência e os outros mundos”.

As crianças, naturalmente curiosas, são “cientistas naturais” (Massarani, 2016), e quando recebem estímulo em casa, na escola ou em espaços culturais, a ciência passa a integrar sua vida de forma prazerosa. Além do aprendizado, a DC contribui para a diversidade na ciência, mostrando que ela pertence a todos e incentivando a representatividade. Scalfi e Corrêa (2014, p. 108) destacam que é preciso formar cidadãos capazes de opinar e ter visão crítica sobre a produção e circulação do conhecimento. Segundo Bueno (2011, p. 193), “aproximando as crianças da ciência, e a ciência das crianças, é possível que elas se apropriem de seus saberes e participem ativamente desse dinâmico processo cultural”. Para isso, é necessário que os materiais sejam atrativos, com linguagem adequada, para estimular reflexão e debate (Cunha, 2024, p. 262), sem perder rigor ou credibilidade, especialmente em tempos de desinformação.

A escola e a família têm papel crucial nesse processo, e, como lembra Cunha (2024, p. 264), a DC para o público infantil ainda é pouco explorada no Brasil, embora seja fundamental para a formação crítica desde a infância, aproveitando a curiosidade natural das crianças. Ao aproximar a ciência de seu cotidiano, elas passam a enxergá-la como algo vivo, acessível e transformador, preparando-se para atuar como cidadãos conscientes e engajados.

2.2 Contar histórias para divulgar ciência: entre afetos e saberes

A DC é essencial para aproximar a ciência do cotidiano infantil, tornando o conhecimento mais acessível e estimulante. Quando apresentada de forma criativa — por meio de histórias, jogos, vídeos e experiências — ela deixa de ser algo distante e passa a fazer parte da vida das crianças.

As crianças são naturalmente investigadoras, curiosas e dispostas a explorar o mundo. Massarani (2016) lembra que “as crianças são cientistas naturais, sempre curiosas por tudo que ocorre à volta delas”. Além disso, a DC contribui para promover diversidade e representatividade, mostrando que a ciência é para todos. Nesse sentido, Scalfi e Corrêa (2014, p. 108) reforçam que “é necessário pensar na formação do cidadão [...] que possa ter opiniões e uma visão crítica de todo o processo envolvido na produção do conhecimento científico e sua circulação”.

Para alcançar esse objetivo, é preciso que a DC utilize materiais atrativos e uma linguagem adequada ao público infantil, sem perder o rigor científico. Cunha (2024, p. 262) destaca que “os materiais [...] devem apresentar linguagem apropriada para que os estudantes se sintam valorizados [...] e estimulados a refletir e debater”. Assim, como sintetiza Bueno (2011, p. 193), “aproximando as crianças da ciência, e a ciência das crianças, é possível que elas se apropriem de seus saberes e participem ativamente desse dinâmico processo cultural”.

Para Lima, Cota e Gilbert (2024, p. 8), “a contação de histórias é uma prática cuja origem atende à necessidade de expressar pensamentos ou de compartilhar saberes que são próprios do ser humano”. Por meio da palavra, as histórias reúnem elementos que formam a identidade de um povo, permitindo que sua língua, valores e mitos continuem vivos e possam ser passados para as futuras gerações. O caráter de preservação cultural é, portanto, central na contação de histórias, que mantém o legado de uma comunidade ou etnia, assim, a contação de histórias é uma prática que objetiva a manutenção da cultura humana (Lima; Cota; Gilbert, 2024, p. 8). Para tanto, entende-se que a contação de histórias se configura como uma estratégia potente para estimular o interesse e a imaginação do ouvinte, fomentando sua criatividade e curiosidade. Além de atrair a atenção, essa prática contribui para o despertar de saberes construídos a partir de processos de ressignificação, permitindo ao sujeito reinterpretar e atribuir novos sentidos às experiências e ao mundo ao seu redor.

Bredan (2012, p. 15) enfatiza que,

Desde que o mundo é mundo, o homem sempre esteve ao lado de suas narrativas, ao redor do fogo, através da escrita rupestre entremeada de sons guturais até a elaboração da linguagem. Contando sua própria história e a do mundo, o homem vem se utilizando da narrativa como um recurso vital e fundamental. Sem ela, a sociabilidade e mesmo a consciência de quem somos não seriam possíveis.

Essas palavras nos revelam o quanto a narrativa é fundamental para o processo de construção e preservação da identidade humana. Por meio dela somos capazes de entender quem somos, de onde viemos e como nos relacionamos com o mundo ao nosso redor. No contexto da infância, a contação de histórias assume uma dimensão ainda mais rica. Para as autoras Sales, Anjos e Rôças (2019, p. 172) “a contação de histórias aprofunda dimensões do ser e do ensino direcionado à sociedade, por via de uma oralidade, permitindo a troca de experiências entre contador e ouvinte por meio das palavras e pensamentos”. Então, quando histórias são contadas para crianças, não estamos apenas transmitindo um conteúdo, mas promovendo um verdadeiro resgate

histórico e afetivo. Sales, Anjos e Rôças (2019, p. 173) citam uma contribuição para o campo do ensino de ciências pois: “promove momentos de leitura partilhada, estimula a formação de leitores e observadores de situações, auxilia na interação, comunicação, expressão e ludicidade, bem como amplia formas e tons no aprender e no ensinar ciências”. Ou seja, as histórias ajudam a superar dificuldades no processo de ensinar e aprender, tornando mais compreensíveis desde os conteúdos mais simples até os mais complexos da ciência.

Por meio da oralidade, as memórias e as culturas se entrelaçam, conectando diferentes gerações e realidades. Esse processo também serve como um espaço de aprendizagem, onde a criança é convidada a viajar por mundos imaginários e fantásticos, que estimulam seu desenvolvimento cognitivo. Para Abramovich (2005, p. 24):

Ouvir histórias é viver um momento de gostosura, de prazer, de divertimento dos melhores... É encantamento, maravilhamento, sedução... O livro da criança que ainda não lê é a história contada. E ela é (ou pode ser) ampliadora de referenciais, poética colocada, inquietude provocada, emoção deflagrada, suspense a ser resolvido, torcida desenfreada, saudades sentidas, lembranças ressuscitadas, caminhos novos apontados, sorriso gargalhado, belezuras desfrutadas e as mil maravilhas mais que uma boa história provoca.

A literatura infantil, ao fazer uso do faz de conta e do simbólico, abre portas para o desenvolvimento de habilidades cognitivas fundamentais. As crianças, ao adentrar esse universo fictício, aprendem a distinguir o real do imaginário, desenvolvendo a capacidade de abstração, essencial para o pensamento lógico e crítico (Zanlorenzi; Bulaty, 2021).

Esse distanciamento temporário da realidade, proporcionado pela ficção, favorece a construção do pensamento crítico e criativo. Ao vivenciarem mundos imaginários, as crianças são convidadas a refletir sobre possibilidades, desenvolver soluções criativas e, assim, exercer um tipo de raciocínio fundamental para atividades como o planejamento e a elaboração de projetos. Como ressaltado por Reis (2016), a abstração desempenha um papel crucial nesse processo, pois permite à criança se afastar do mundo imediato e se engajar com o mundo das ideias, criando formas de pensar e interagir com a realidade.

Bredan (2012, p. 15) complementa essa reflexão ao afirmar que:

A criança que ouve histórias cotidianamente desperta em si a curiosidade e a imaginação criadora e, ao mesmo tempo, tem a chance de dialogar com a cultura que a cerca, e, portanto, de exercer sua cidadania. O encontro do seu imaginário com o mundo de personagens tão diversificados pertencentes aos contos, sejam eles tradicionais ou contemporâneos, é fator de grande enriquecimento psíquico-social.

Através desse processo, as crianças não apenas se conectam com o imaginário, mas também começam a se relacionar com os valores e as questões sociais de sua própria cultura, desenvolvendo uma consciência crítica que vai além do simples entretenimento.

Nesse sentido, a contação de histórias dirigida ao público infantil pode ser uma poderosa ferramenta para estimular o desenvolvimento do pensamento científico. Ao ouvir e interagir com histórias, as crianças são incentivadas a formular perguntas, refletir sobre conceitos e buscar respostas. A curiosidade que nasce desse exercício é essencial para a formação do pensamento científico, pois é a partir de perguntas e inquietações que se inicia o processo de investigação e descoberta. Como aponta

Maranhão (2022), a contação de histórias é um estímulo eficaz para que as crianças se envolvam com o mundo ao seu redor e desenvolvam uma atitude investigativa diante da realidade. Atualmente, pode-se aliar as ferramentas digitais a contação de histórias. Quando se utiliza os meios tradicionais de comunicação, como a narração oral, livros, cinema, televisão e rádio, é possível prever o tipo de experiência que essas linguagens proporcionam. Apesar da interpretação múltipla e influenciada por contextos pessoais e coletivos, o formato e o suporte de cada uma dessas mídias determinam uma qualidade relativamente constante.

No entanto, ao se considerar o vínculo com o meio digital, que é, por natureza, interativo e imersivo, ocorre uma mudança significativa na forma como a história é recebida. A interatividade e a transitoriedade características do digital provocam uma reviravolta na recepção narrativa, pois o usuário passa a interagir com algo em constante mutação.

Ao refletirmos sobre esses pontos, fica claro que a contação de histórias tem um papel crucial na DC, especialmente para o público infantil. Ao estimular a curiosidade e a criatividade das crianças, ela promove não apenas o interesse pela ciência, mas também o envolvimento afetivo com o conhecimento. O caráter lúdico da contação de histórias cria uma ponte entre a criança e o mundo da ciência, tornando-a mais acessível e agradável, enquanto favorece o desenvolvimento cognitivo e a formação de uma cidadania crítica. Portanto, ao inserir a ciência no contexto das histórias, estamos contribuindo para a construção de um futuro em que as crianças não apenas se interessem pela ciência, mas também se sintam capacitadas a participar ativamente na construção do conhecimento e no desenvolvimento da sociedade.

Um exemplo disso é o podcast “Ciência em Historinhas”, desenvolvido pelo Projeto Comquímica das Crianças, que alia Literatura Infantil e Divulgação Científica com o objetivo de aproximar o público infantil do universo da ciência de maneira lúdica e acessível. Como relatado por Dantas-Queiroz, Wentzel e Queiroz (2018), o podcast tem se consolidado como uma poderosa ferramenta para a DC por sua capacidade de engajar diferentes públicos e fomentar o diálogo científico. No caso do “Ciência em Historinhas”, essa abordagem não apenas transmite conceitos científicos, mas estimula a imaginação e a criatividade. Ao transformar histórias infantis em episódios de áudio, o projeto reforça o papel da literatura como espaço de criação e promove uma interação sensível com a ciência, valorizando o potencial das crianças como sujeitos produtores de conhecimento.

3 Decolonialidade

A necessidade de romper com as epistemologias dominantes e o pensamento eurocêntrico, heranças de séculos de colonialidade do pensar e do ser, que invisibilizam saberes e culturas do Sul Global. A decolonialidade surge como alternativa para resgatar, valorizar e legitimar conhecimentos marginalizados — africanos, indígenas e de outros povos originários — sem negar a ciência moderna, mas promovendo uma ecologia de saberes que integre diferentes formas de conhecimento.

Inspirado por Boaventura de Sousa Santos, destaca-se o conceito de linhas abissais, fronteiras que separam o que é validado como ciência do que é considerado irrelevante. Cruzá-las significa, segundo Gentili (2018, p. 14), “recuperar, reivindicar e legitimar outros modos de saber que permitam gestar outras ciências sociais”.

A autora Sueli Carneiro (2023, p. 89) alerta para o epistemicídio, “que embasa a suposta legitimidade epistemológica da cultura do dominador”, enquanto Monteiro e

Costa (2019, p. 272) enfatizam que é preciso “desaprender para reaprender” com os saberes ancestrais. Para Quijano (2009, p. 118), a raça foi historicamente transformada no “primeiro critério fundamental para a distribuição da população mundial nos níveis, lugares e papéis na estrutura de poder”.

A Lei 10.639/2003, que torna obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira, é apresentada como marco de resistência e transformação curricular, mas sua implementação enfrenta obstáculos históricos e estruturais. Sob a perspectiva decolonial, trata-se de um passo essencial para desconstruir narrativas eurocêntricas e incorporar epistemologias não ocidentais. Assim, como defende Meneses (2018, p. 27), as Epistemologias do Sul são construídas “na luta de formas de saber desenvolvidas por grupos e movimentos sociais contra as injustiças e opressões causadas pelo capitalismo, colonialismo e patriarcado”. Santos (2014, p. 284) reforça: “Não somos vítimas; fomos vitimados e oferecemos resistência.”

Ao adotar a ecologia de saberes, é possível, nas palavras de Meneses (2018, p. 29), “explorar concepções alternativas internas ao conhecimento científico [...] e a interdependência com outros conhecimentos não-científicos”. Esse processo exige uma transformação profunda na educação, nas políticas públicas e na valorização de narrativas históricas silenciadas, para que o conhecimento seja mais inclusivo, plural e conectado às realidades do Sul Global.

4 Procedimentos metodológicos

A pesquisa, de abordagem qualitativa ocorreu no município de Toledo (PR), com crianças de 5 a 7 anos participantes das oficinas *Pequenos Cientistas*, parte do projeto de extensão *Comquímica das Crianças*, da Unioeste. O projeto, está ativo desde 2011, utiliza linguagem lúdica, oficinas práticas e recursos seguros para aproximar as crianças da ciência de forma afetiva e significativa. Os participantes foram selecionados por ordem de manifestação de interesse, até o limite de quinze vagas, mediante autorização dos responsáveis, passando assim por um comitê de ética de pesquisa em seres humanos da instituição de ensino superior responsável, garantindo que todos os procedimentos adotados estivessem em consonância com os preceitos éticos de respeito à dignidade humana e à integridade dos participantes.

O processo metodológico começou com o planejamento da oficina e a escolha da narrativa *Pretinha das Coisas: as descobertas de Ori* de autoria de Bárbara Carine Soares Pinheiro, selecionada por articular ciência, ancestralidade e representatividade negra. A contação foi conduzida em um ambiente acolhedor, preparado para estimular a escuta atenta e o envolvimento espontâneo das crianças.

Após ouvirem a história, as crianças participaram do reconto, utilizando a oralidade para reconstruir a narrativa e o desenho para registrar elementos significativos da trama. Essas produções revelaram sentidos atribuídos, memórias evocadas e formas singulares de compreender a ciência.

Os registros em áudio e vídeo foram analisados com atenção, mapeando momentos de expressão, dúvida, encantamento e elaboração de saberes. Foram utilizados pseudônimos para todas as crianças que participaram do reconto da história. Esses trechos selecionados foram transcritos e interpretados à luz da análise discursiva inspirada no círculo de Bakhtin, entendendo a linguagem como forma de interação social.

Por fim, a análise parcial permitiu identificar como as vozes infantis expressaram compreensões sobre ciência, identidade e pertencimento, valorizando-as

como produtoras de conhecimento. As análises parciais revelam indícios do desenvolvimento de uma consciência crítica por meio da contação de histórias, este trabalho é um recorte parcial de uma pesquisa mais ampla que está em andamento.

Considerando que nem todas as crianças sabiam escrever, o desenho foi incorporado como recurso expressivo. Após a escuta, as crianças recontaram a narrativa oralmente e por meio de desenhos — doze no total —, permitindo analisar as interpretações, sentidos e compreensões produzidas. Os registros em áudio e vídeo preservaram as falas na íntegra, possibilitando uma análise detalhada à luz da abordagem decolonial. É importante considerar, que neste recorte não contemplamos as análises dos desenhos produzidos e focamos na análise de dois recontos produzidos pelas crianças.

4.1 Sobre a história

A História Pretinha das Coisas: as descobertas de Ori conta a trajetória de Ori, uma menina negra curiosa e imaginativa que vive em Salvador (BA) com suas duas mães — uma engenheira e uma bióloga. Cercada por afetos, saberes ancestrais e tradições, ela descobre que ciência também se constrói com memória, oralidade e pertencimento. Na figura 1 trazemos a capa do livro, e duas páginas que exemplificam suas ilustrações.

Figura 1 - Livro *História Pretinha das Coisas: as descobertas de Ori*.



Fonte: Pinheiro (2022).

A narrativa acompanha sua viagem ao continente africano, até as pirâmides de Meroé, no antigo Reino de Kush (Sudão). Durante a experiência — que inclui seu primeiro voo de avião — Ori presencia uma coleta científica de microrganismos dentro de uma pirâmide, explora sítios arqueológicos, encontra uma múmia ancestral preservada por compostos químicos e conhece o osso de Lebombo, um dos mais antigos instrumentos de contagem do mundo.

De volta ao Brasil, Ori apresenta suas descobertas na Escola Afrocentrada Maria Felipa, compartilhando com encanto a ligação entre ciência, história africana e ancestralidade. A história inspira ao mostrar que o conhecimento pode nascer tanto das pesquisas formais quanto das vivências e tradições, fortalecendo a representatividade de meninas negras como protagonistas da ciência.

4.2 A contação e reconto da história

A oficina de contação de histórias começou com a confecção de um avental narrativo inspirado nas ilustrações do livro *Pretinha das Coisas*. Ao chegarem ao Laboratório Comquímica, as crianças vestiram seus jalecos com entusiasmo e foram conduzidas até um espaço preparado especialmente para a narrativa, onde encontraram materiais lúdicos como uma pirâmide em miniatura, um mapa ilustrado e personagens impressos. Esses recursos — que podiam ser tocados, vistos e explorados — ajudaram a tornar a história mais concreta e sensorial, estimulando a curiosidade e a participação ativa do grupo. Após ouvirem a narrativa, as crianças participaram de atividades experimentais e, individualmente, foram convidadas a recontar a história usando os mesmos objetos e imagens. O reconto, registrado em áudio e vídeo, foi conduzido com escuta atenta e sensibilidade, permitindo que cada criança expressasse a narrativa à sua maneira — algumas seguindo fielmente a sequência, outras acrescentando elementos próprios, revelando interpretações criativas.

Na figura 2 a autora mostra os recursos utilizados para a oficina de contação de histórias.

Figura 2 - Recursos utilizados: Avental de histórias, mapa e pirâmide.



Fonte: A autora (2025).

Ao final, foram feitas perguntas leves, como “Você gostou da história?” e “Gostaria de ser cientista um dia?”, que despertaram respostas carregadas de encanto e curiosidade. A participação do grupo, formado por doze crianças, revelou-se plural e espontânea: algumas demonstraram firmeza ao contar, outras hesitavam ou faziam pausas, enquanto algumas reinventaram a história, incluindo elementos novos que, embora ausentes na versão original, revelavam compreensões próprias e muita imaginação.

4.3 Análise dos dados

Sobre a construção e análise dos dados, nos apoiamos nos pressupostos de Bakhtin e no livro “Rodas de conversa: uma análise das vozes infantis na perspectiva do círculo de Bakhtin” da Autora Viviane Maria Alessi. Alessi (2011, p. 12) ressalta que:

A verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas linguísticas, nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato fisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação ou das enunciações. A interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua.

Desse modo, ao se expressar, o sujeito — independentemente de seu gênero ou faixa etária — deixa marcas significativas na sociedade e em seu círculo social, especialmente por meio das interações verbais cotidianas. Nesse contexto, compreende-se que o sujeito, em constante relação com outros sujeitos, é corresponsável pelas dinâmicas sociais e pelas movimentações inerentes às interações sociais verbais. Assim, os sujeitos constroem discursos que adquirem significações específicas e impactam os discursos de outros, promovendo, dessa forma, processos de mobilização social (Silva; Almeida, 2013).

Para Silva e Almeida (2013, p.123)

Esta concepção de linguagem bakhtiniana – entendida como processo de interação social – fundamenta-se em alguns princípios essenciais: no diálogo com o outro, que se relaciona à ideia de sujeito social, histórica e ideologicamente situado, constituído na interação verbal; na unidade das diferenças, noção de que a linguagem é heterogênea, portanto marcada pela presença do outro, onde estão presentes os papéis sociais, a posição dos interlocutores, suas imagens diante dos outros interlocutores e da sociedade e; na discursividade – simples e complexa. Essa terceira questão refere-se aos gêneros do discurso e funciona como consequência das duas primeiras, já que sua definição pressupõe também uma concepção de linguagem assentada no princípio da interação social.

Desse modo, por meio da contação de histórias e do reconto — compreendido como uma interação verbal entre os interlocutores que participam da reconstrução da narrativa —, é possível perceber que o sujeito, especialmente a criança, constrói conceitos e manifesta sua criticidade diante dos temas apresentados. Por meio de registros da oficina em áudio, vídeo e suas respectivas transcrições, torna-se viável analisar como os receptores da história apreendem e ressignificam os discursos da DC, considerando uma abordagem fundamentada na perspectiva decolonial.

5 Resultados e Discussões

A proposta permitiu que crianças de 5 a 7 anos, em fase de alfabetização, recontassem uma narrativa usando o avental e objetos simbólicos. O reconto revelou diferentes graus de envolvimento: algumas crianças narraram com segurança, outras hesitaram, e muitas acrescentaram elementos próprios, exercitando imaginação, autoria e apropriação criativa.

O objetivo da análise foi compreender o reconto a partir da perspectiva bakhtiniana, como um espaço de produção de sentidos, onde emergem múltiplas vozes que dialogam entre si. Na transcrição, observa-se a presença da voz autoral da criança, que não apenas repete a história ouvida, mas a recria com base em suas próprias experiências e imaginários, manifestando sua curiosidade e autonomia. Mas para além da parte linguística busca-se refletir sobre como este reconto e a forma como a criança o conduz, sobre sua imaginação, sua visão de mundo que se faz presente em seu discurso, ou a sua própria visão da história contada.

A presença de personagens negras na história original, representadas como cientistas e mães, fortalece a emergência de uma voz cultural decolonial, permitindo que a criança se reconheça em papéis historicamente negados à população negra. Essa representação amplia as possibilidades de identificação, reafirma a importância da diversidade na ciência e contribui para a construção de uma autoimagem positiva. Ao criar imaginários, a narrativa rompe com estereótipos e reafirma a potência simbólica da negritude, conforme destacam Carneiro (2011) e Bento (2022), ao evidenciar a urgência de se construir referências afirmativas e emancipadoras para crianças negras.

O conto se configura como um ato responsivo, no qual a criança assume uma posição ativa, ressignificando a ciência como um espaço possível de pertencimento, imaginação e descoberta, fortalecendo também sua identidade. Essa análise evidencia o potencial transformador da contação de histórias de viés decolonial, ao promover representações plurais e construir outras possibilidades de ser e estar no mundo.

É nesse movimento que se estabelece uma relação de empatia e identificação entre as crianças e os temas abordados durante a contação de histórias. As crianças participantes da oficina demonstram vivo interesse por assuntos relacionados à ciência, à divulgação científica e à figura do cientista, evidenciando uma curiosidade natural e um desejo de pertencimento a esse universo. Ao interagir com objetos simbólicos, como a pirâmide, e com a ideia de ser cientista, as crianças constroem pontes entre o "eu" e o mundo, elaborando novas formas de se perceberem como sujeitos capazes de conhecer, questionar e transformar.

Segundo Volóchinov (2018), o ser humano é essencialmente um ser de linguagem, constituído historicamente e ideologicamente nas relações sociais. Para ele, "a palavra é o fenômeno ideológico por excelência" (Volóchinov, 2018 p. 98), e é na interação verbal que o sujeito se forma e se afirma no mundo. Em sintonia com essa concepção, Alessi (2011) reforça que o homem é um ser inacabado, que se constrói continuamente por meio do diálogo, das experiências e das trocas simbólicas.

Dessa forma, a contação de histórias emerge como um espaço cheio de interação verbal, no qual as crianças expressam seus desejos, vontades, imaginações e saberes prévios. Esses enunciados não devem ser vistos como manifestações fragmentadas ou imaturas, mas como construções significativas e dinâmicas, que refletem o caráter inacabado e criativo do sujeito infantil. Essa perspectiva valoriza a criança como autora de sentidos, participante ativa na produção cultural e cognitiva, como se observa nos estratos dos recontos apresentados a seguir:

Joana: “E daí ela foi viajar lá para ir ver as pirâmides. E daí as duas mães delas eram cientistas. E daí uma cientista entrou dentro da pirâmide. E daí a filha viu uma múmia. E daí ela voltou e contou para todos os seus amiguinhos e eles gostaram.”

Bernardo (0:00) Pretinha das coisas, as descobertas de Ori. (0:07) Ori é uma pequena, soteropolitana, muito inteligente e linda. (0:17) Filha de um casal de cientistas. (0:25) Um dia, ela e a família dela viajaram do Brasil para a África para descobrir... (0:49) para fazer a coleta de micro-organismos. **Pesquisadora** (0:59) Isso, e àquela hora você me falou, o que são esses micro-organismos? (1:03) Germes, bactérias, tipo vírus. (1:10) E lá ela encontrou uma pirâmide e só cientista pode entrar na pirâmide. (1:19) Daí elas foram na pirâmide e encontraram uma. (1:30) Os olhos de Ori brilharam por matemática, logo brilharam ao visitar o nosso Lebombo, (1:44) o artefato matemático mais antigo do mundo. (1:53) Um instrumento de contagem de 35000 AC.

Neste reconto, a criança mantém a essência da narrativa, mas reorganiza e enfatiza elementos de maior impacto para ela — como a múmia —, revelando uma escuta ativa e um olhar próprio sobre a história. A presença de personagens negras como cientistas e mães reforçou identificações positivas, rompendo estereótipos e fortalecendo a autoimagem das crianças. Esse imaginário decolonial permitiu que elas se vissem como protagonistas de histórias ligadas à ciência. A seguir outro trecho:

Bernardo: “*Pretinha das Coisas, as descobertas de Ori. Ori é uma pequena soteropolitana, muito inteligente e linda. Filha de um casal de cientistas. Um dia, ela e a família dela viajaram do Brasil para a África para fazer a coleta de micro-organismos... Germes, bactérias, tipo vírus. E lá ela encontrou uma pirâmide e só cientista pode entrar. Os olhos de Ori brilharam por matemática, logo brilharam ao visitar o nosso Lebombo, o artefato matemático mais antigo do mundo.*”

Aqui, a criança não só repete partes do enredo original, mas também amplia o conteúdo, usando termos científicos e detalhes que demonstram compreensão e ressignificação criativa.

Sob a ótica bakhtiniana, o reconto é um ato responsivo, em que a criança não é mera repetidora, mas autora de sentidos. Ao interagir com a pesquisadora, esses sentidos se expandem:

Pesquisadora (1:05) *E o que ela foi coletar lá dentro da pirâmide?* (1:10) *Você lembra?* (1:11) *Não?* **Joana** (1:12) *Ela foi coletar micro-organismos.* **Pesquisadora:** (1:17) *E a múmia?* (1:20) *O que fazem com a múmia para ela ser uma múmia?* (1:24) *Você consegue lembrar?* **Joana** (1:26) *O cabelo da múmia, a múmia morreu há muito tempo.* **Pesquisadora** (1:30) *O cabelo da múmia estava intacto, tudo intacto.* (1:34) *Você consegue lembrar?* (1:38) *São compostos químicos que passaram lá na múmia.* (1:43) *E você achou legal essas descobertas?* **Joana** (1:49) *Gostei.* (Apêndice 1).

Bernardo (0:25) *Um dia, ela e a família dela viajaram do Brasil para a África para descobrir...* (0:49) *para fazer a coleta de micro-organismos.* **Pesquisadora** (0:59) *Isso, e àquela hora você me falou, o que são esses micro-organismos?* **Bernardo** (1:03) *Germes, bactérias, tipo vírus.* (1:10) *E lá ela encontrou uma pirâmide e só cientista pode entrar na pirâmide.* (Apêndice 2).

Ao utilizar os termos científicos de forma espontânea e entrelaçá-los com elementos da história, a criança revela uma compreensão inicial da ciência, assim pode-se perceber um processo de formação de uma consciência científica, ainda que em construção. Assim, o enunciado infantil se torna um espaço onde novas compreensões e saberes são adquiridos por meio do discurso que a criança traz à tona.

Quando perguntado a outra criança sobre o que eram esses microrganismos, ela se referiu gestualmente, com as mãos fazendo um gesto simbólico de “coisas bem pequeninhas que nem conseguimos ver”, diminuindo assim até a entonação da voz, refletindo a apreensão de signos e significados, assim a experiência verbal do sujeito se constrói a partir de uma interação constante com os enunciados de outras pessoas, por meio de um processo de assimilação que pode ser mais ou menos criativo, dependendo do modo como ele se apropria das palavras e vozes alheias (Alessi, 2011).

Esses recontos mostram que, ao entrelaçar elementos da história com termos científicos e experiências pessoais, as crianças constroem pontes entre si e o mundo. A contação de histórias se torna um espaço de empatia, descoberta e formação de

consciência científica, permitindo que o imaginário infantil dialogue com a diversidade, a ciência e novas possibilidades de ser e estar no mundo.

Considerações finais

Até aqui, a experiência revelou que a DC ainda precisa ampliar o diálogo com uma perspectiva decolonial, capaz de questionar visões eurocentradas e valorizar saberes que, historicamente, foram silenciados ou marginalizados. Olhar para a ciência a partir dessa lente significa criar espaços onde diferentes histórias, vozes e formas de conhecer possam coexistir, enriquecendo o próprio fazer científico.

A contação de histórias, especialmente voltada às crianças, mostrou-se um caminho potente para essa transformação. Ao unir afeto, imaginação e conhecimento, ela cria um ambiente onde o aprendizado deixa de ser apenas informativo e se torna vivência. Nesse processo, a ciência aparece como algo próximo e possível, que pode ser explorado, sentido e recriado a partir do olhar infantil.

Nos momentos de reconto, foi possível perceber que as crianças não apenas repetiam o que ouviram, mas traziam à tona experiências e informações já presentes em seu repertório — aprendidas na família, na escola, nos meios de comunicação e nas interações cotidianas. Essa mistura de saberes revela que elas constroem sentido de maneira dinâmica, conectando diferentes fontes para formar uma compreensão própria do mundo.

Outro aspecto marcante foi a naturalidade com que incorporaram termos e conceitos científicos à narrativa, sinalizando que, mesmo em um contato inicial, já reconhecem sua relevância. Essa familiaridade, aliada ao entusiasmo, mostra que práticas narrativas como as desta pesquisa podem abrir caminhos para que as crianças se vejam como parte da ciência — não apenas como espectadoras, mas como futuras protagonistas.

Referências

ABRAMOVICH, F. *Literatura infantil: gostosura e bobices*. 5. ed. São Paulo: Scipione, 2005.

ALESSI, V. M. *Rodas de conversa: uma análise das vozes infantis na perspectiva do Círculo de Bakhtin*. 2011. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2011.

ARNT, A. M.; BENTO, L. F. J.; SATO, E. A. Caderno de resumos: I Encontro Brasileiro de Divulgadores de Ciências. 1. ed. São Paulo, SP:2023. Disponível em: <https://www.blogs.unicamp.br/ebdc/wp-content/uploads/sites/284/2023/05/47.pdf>. Acesso em: 24 jul. de 2025.

BRASIL. Lei 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências. Brasília: Ministério de lei e Cultura; Congresso Nacional, 2003.

BRASIL. Ministério da Educação. Diretrizes para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira. Brasília: MEC, 2023.

BEDRAN, B. *A arte de cantar e contar histórias: narrativas orais e processos criativos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

BENTO, C. *Pacto da branquitude*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2022.

BUENO, W. C. Comunicação científica e divulgação científica: aproximações e rupturas conceituais. 2010. Londrina, PR. DOI: 10.5433/1981-8920.2010v15nesp.p1. Acesso em: 10 fev. de 2025.

BUENO, C. C. *Imagens de crianças, ciências e cientistas na divulgação científica para o público infantil*. Revista do SETA, v.5, p. 184-195, 2011. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/858394>. Acesso em: 28 fev. de 2025.

CAMPOS, L. M. Seguindo os passos dos Griôs: a oralidade como instrumento metodológico para o ensino da História e cultura afro-brasileira e africana para crianças na Unidade de Educação Básica (UEB) Tancredo Neves – ISEMA. 2022. 249 f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Gestão de Ensino da Educação Básica) - Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2022. Disponível em: <https://tedebc.ufma.br/jspui/handle/tede/4258>. Acesso em: 12 jul. de 2025.

CANDOTTI, E. Ciência na educação popular. In: Ciência e Público. Rio de Janeiro: Casa da Ciência, 2002. p. 15–23. Livro eletrônico. Disponível em: <https://www.fiocruz.br/brasiliana/media/cienciaepublico.pdf> Acesso em 26 jul. 2024.

CARNEIRO, S. *Dispositivo de racialidade: A construção do outro como não ser como fundamento do ser*. Zahar, 2023.

CARNEIRO, S. *Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil*. São Paulo: Selo Negro, 2011. (Coleção Consciência em Debate).

CARVALHO, F. B. *A divulgação científica a partir das histórias em quadrinhos para o ensino de ciências no 6º ano*. 2020. Dissertação (Mestrado em Educação e Ensino de Ciências na Amazônia) – Universidade do Estado do Amazonas, Manaus, 2020.

CUNHA, M. B. da (Org.). *Divulgação Científica e o Público Infantil: Reflexões e Atividades de Ciências*. Rio de Janeiro: Editora Telha, 2024.

DAHLSTROM, M. F. Using narratives and storytelling to communicate science with nonexpert audiences. *Proceedings of the National Academy of Sciences*, 111(Suppl 4), 13614-13620, 2014.

DANTAS-QUEIROZ, M. V.; WENTZEL, L. C. P.; QUEIROZ, L. L. Science Communication podcasting in Brazil: the potential and challenges depicted by two podcasts. *Anais da Academia Brasileira de Ciências*, Rio de Janeiro, v. 90, n. 2, p. 1891 - 1901, 2018.

FIORESI, C. A.; SILVA, H. C. Ciência popular, divulgação científica e Educação em Ciências: elementos da circulação e textualização de conhecimentos científicos. *Ciência & Educação (Bauru)*, 28, e22049, 2022. <https://doi.org/10.1590/1516-731320220049>. Acesso em: 11 fev. de 2025. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ciedu/a/9WQmc4G3Ps5RySyn8wFkRgr/?format=pdf&lang=pt>.

GENTILI, P. O resgate da Epistemologia. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula. *Epistemologias do Sul*. Coimbra: CES, 20 p.13-14. Disponível em: https://www.boaventuradesousasantos.pt/media/Antologia_Boaventura_PT1.pdf. Acesso em: 20 jul. de 2025.

LIMA, G. da S; GIORDAN, M. Da reformulação discursiva a uma práxis da cultura científica: reflexões sobre a divulgação científica. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.28, n.2, abr.-jun. 2021, p.375- 392. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/item/003058254>. Acesso em: 22 jun. de 2025.

LIMA, G. S; COTA, M. C. S. B; GILBERT, A. N. M. M. Pernilongo tem coração? A representação de conceitos científicos por meio da contação de histórias. *Revista Brasileira de Educação*, v. 29, e290086, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-24782024290086>. Acesso em: 12 jul. de 2025.

LORENZETTI, L. DELIZOICOV, D. Alfabetização científica no contexto das séries iniciais, *Ensaio – Pesquisa em Educação em Ciências*, v.3, n.1, 37-50, 2001. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/epec/a/N36pNx6vryxdGmDLf76mNDH/?format=pdf&lang=pt>> Acesso em: 22 mar. de 2025.

MARANHÃO, A. P. G. N. *Contando ciência através de histórias: uma abordagem para o público infantil*. 2022. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Educação e Divulgação Científica) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro, Campus Mesquita, Mesquita, 2022.

MASSARANI, L. *Entrevista: Luisa Massarani avalia os rumos da divulgação da ciência no país e compartilha sua paixão ao comunicar ciência para crianças*. Museu da Vida Fiocruz, 2016. Disponível em: museudavida.fiocruz.br. Acesso em: 28 fev. 2025.

MASSARANI, L. MOREIRA, I. C. BRITO, F. (org.). *Ciência e público: caminhos da divulgação científica no Brasil*. Rio de Janeiro: Casa da Ciência/UFRJ, Fórum de Ciência e Cultura, 2002.

MENESES, M. P. Os desafios do Sul: traduções interculturais e interpolíticas entre saberes multi-locais para amplificar a descolonização da educação. In: MONTEIRO, Bruno A. P. et al. (org.). *Decolonialidades na educação em ciências*. 1. ed. São Paulo: Livraria da Física, 2019. p. 23–40. (Coleção Culturas, Direitos Humanos e Diversidades na Educação em Ciências).

MONTEIRO, B. A. P. [et al.] I. Monteiro, Bruno A. P. II. Dutra, Débora S. A. III. C., S. IV. Sanchez, C. V. Oliveira, Roberto D. V. L. *Decolonialidades na educação em ciências* — 1. Ed. — São Paulo: Editora Livraria da Física, 2019. 396 — (Coleção culturas, direitos humanos e diversidades na educação em ciências).

MORA, A. M. S. *A divulgação da ciência como literatura*. Rio de Janeiro: Casa da Ciência/ UFRJ, Editora UFRJ, 2003.

QUIJANO, A. Colonialidade do poder e classificação social. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (Org.). *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez, 2009. Disponível em:

http://professor.ufop.br/sites/default/files/tatiana/files/epistemologias_do_sul_boaventura.pdf. Acesso em: 19 jul. de 2024.

REIS, S. M. G. dos. *150 ideias para o trabalho criativo com crianças de 2 a 6 anos: artes plásticas, expressão corporal, literatura, música, teatro, jogos e brincadeiras em uma proposta interdisciplinar*. Campinas: Papirus, 2016.

SANTOS, B. S. *Epistemologies of the South: Justice Against Epistemicide*. Abingdon: Routledge, p. 284. 2014.

SCALFI, G. A. M; CORRÊA, A. M. A arte de contar histórias como estratégia de divulgação da ciência para o público infantil. *Revista de Educação, Ciência e Cultura, Canoas*, v. 19, n. 1, p. 81–92, jan./jul. 2014. Disponível em: <http://www.revistas.unilasalle.edu.br/index.php/Educacao>. Acesso em: 22 jun. de 2025.

SILVA, R. O; ALMEIDA, M. de F. Análise da interação verbal na teoria bakhtiniana: reflexão sobre linguagem como processo de interação social. Macabéa – *Revista Eletrônica do NETLLI*, Crato, v. 2, n. 1, p. 117–127, jun. 2013. Disponível em: https://professor.ufop.br/sites/default/files/shei/files/analise_da_interacao_verbal_na_teor_bakhtiniana.pdf. Acesso em: 22 jun. de 2025.

VOLÓCHINOV, V. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo; ensaio introdutório de Sheila Grillo. São Paulo: Editora 34, 2018.

ZANLORENZI, C. M. P. BULATY, A. (org.). *Ouvir, sentir e imaginar: reflexões sobre a contação de história* [livro eletrônico]. Ponta Grossa: Texto e Contexto, 2021. 154 p.: il. E-book – PDF interativo. ISBN 978-65-88461-43-3. Disponível em: <https://www.textoecontextoeditora.com.br/assets/uploads/arquivo/264a1-ebook-ouvir-sentir-e-imaginar.pdf>. Acesso em: 18 abril de 2025.